

Doi: 10.17058/rzm.v14i01.20360

# ENCANTAMENTO E ÉTICA POÉTICA NO ANTROPOCENO: A ECOPOESIA DE NIDHI ZAK/ARIA EIPE

ENCANTAMIENTO Y ÉTICA POÉTICA EN EL  
ANTROPOCENO: LA ECOPOESÍA DE NIDHI  
ZAK/ARIA EIPE

ENCHANTMENT AND POETIC ETHICS IN THE  
ANTHROPOCENE: NIDHI ZAK/ARIA EIPE'S  
ECOPOETRY



**Tatiana de Freitas Massuno<sup>1</sup>**

**Resumo:** Investiga-se o papel do encantamento como elemento ético e estético na obra da poeta Nidhi Zak/Aria Eipe. Através da análise do poema *Incantation for the Hare*, propõe-se uma reflexão sobre como a poesia possibilita novas formas relacionais não antropocêntricas. Mobilizando teóricos da Ontologia Orientada a Objetos, da ecolinguística e do pensamento ecológico, argumenta-se que o encantamento pode fomentar comportamentos éticos e reconfigurar nossa percepção do mundo mais-que-humano.

**Palavras-chave:** Encantamento; Antropoceno; Ética ecológica; Ontologia Orientada a Objetos

**Resumen:** Se investiga el papel del encantamiento como elemento ético y estético en la obra de la poeta Nidhi Zak/Aria Eipe. A través del análisis del poema *Incantation for the Hare*, se propone una reflexión sobre cómo la poesía possibilita nuevas formas relacionales no

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Rio de Janeiro – RJ - Brasil

antropocéntricas. Movilizando teóricos de la Ontología Orientada a Objetos, de la ecolingüística y del pensamiento ecológico, se argumenta que el encantamiento puede fomentar comportamientos éticos y reconfigurar nuestra percepción del mundo más-que-humano.

**Palabras clave:** Encantamiento; Antropoceno; Ética ecológica; Ontología Orientada a Objetos

**Abstract:** This study investigates the role of enchantment as an ethical and aesthetic element in the work of poet Nidhi Zak/Aria Eipe. Through the analysis of the poem *Incantation for the Hare*, the paper proposes a reflection on how poetry enables new relational forms that are non-anthropocentric. Drawing on theories from Object-Oriented Ontology, ecolinguistics, and ecological thought, it argues that enchantment can foster ethical behaviors and reconfigure our perception of the more-than-human world.

**Key-words:** Enchantment; Anthropocene; Ecological ethics; Object-Oriented Ontology.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar a lacuna existente entre informação e ação ao investigar o papel que a experiência estética desempenha para navegarmos as complexidades de nossa época geo-histórica, ou seja, o Antropoceno. Para isso, será discutida a obra de uma poeta contemporânea, a fim de mapear sensibilidades ecológicas e compreender mais profundamente o lugar do encantamento.

Nidhi Zak/Aria Eipe, poeta, fabulista e pacifista, publicou sua primeira coletânea de poemas em 2021 pela editora *Faber & Faber*. Desde então, tem sido agraciada com prêmios e bolsas de criação artística. Transitando entre diferentes lugares, línguas e culturas, a poeta entrelaça em sua obra experiências e tradições diversas. Recentemente, ao promover seu novo trabalho, *Honey and the Hare*, afirmou ter retornado a saberes xamânicos e indígenas em resposta à crise ecológica em curso. Assim, busca-se entender como sua poesia evoca a presença do mundo mais-que-humano<sup>2</sup> sob a ótica do encantamento — ou seja, em oposição a visões antropocêntricas e mecanicistas. Ao analisar sua poesia, o artigo busca iluminar a relevância ética do encantamento no contexto da crise climática. Para fundamentar essa investigação, serão mobilizados autores relacionados à Ontologia Orientada a Objetos (OOO)<sup>3</sup>, especialmente Timothy Morton e Jane Bennett.

Parte-se, assim, da premissa de que a falta de engajamento público com questões ecológicas não é necessariamente consequência da ausência de informação (como propõe o Modelo do Déficit de Informação). Em consonância com Moser e Dilling (2011), entendemos que a inação do público decorre de algo muito mais profundo. Timothy Morton também enfatiza que o discurso ecológico baseado no bombardeio de informações pode ser prejudicial a comportamentos éticos. Assim, pretendemos investigar o papel do encantamento por meio da análise de uma autora que lhe confere papel central.

A partir de referenciais teóricos de estudiosos da Ontologia Orientada a Objetos (OOO), como Timothy Morton e Jane Bennett, além de Patrick Curry e do ecolinguista Arran Stibbe,

---

<sup>2</sup> A expressão “mundo mais-que-humano” (more-than-human world), utilizada em estudos ecológicos, filosóficos e antropológicos, designa um entendimento ampliado do mundo que inclui tanto os seres humanos quanto todos os outros entes — animais, plantas, minerais, rios, atmosferas, entre outros. Ao contrário de uma visão antropocêntrica, essa perspectiva reconhece a agência e o valor intrínseco dos seres não-humanos na constituição da realidade (Abram, 1996; Bellacasa, 2017).

<sup>3</sup> A Ontologia Orientada a Objetos (OOO), proposta por Graham Harman e desenvolvida por pensadores como Timothy Morton, é uma corrente da filosofia que se opõe ao antropocentrismo, argumentando que todos os objetos — sejam humanos ou não-humanos — possuem existência e agência próprias. Em vez de compreender os objetos apenas como utilitários ou definidos por sua relação com o ser humano, a OOO defende uma realidade composta por entidades que coexistem de forma simétrica, recusando hierarquias ontológicas entre seres.

nosso objetivo é mapear o significado do mundo mais-que-humano na poesia de Nidhi Zak/Aria Eipe. Compreendemos, portanto, que o termo “encantamento” permeia sua poética, funcionando como um imperativo em tempos de crise climática. Nesse sentido, os poemas de Nidhi Zak/Aria Eipe reafirmam a importância ética da poesia — ou, em outras palavras, seu imperativo encantatório.

## **A Linguagem Desencantada**

Os eventos extremos dos últimos anos, principalmente os que sucedem a pandemia de COVID-19, revelam a impossibilidade de ignorar o elemento ecológico e climático no âmbito dos estudos das humanidades. A divisão entre saberes disciplinares, que possui representação máxima na ideia da Grande Divisão (Latour, 1993), e configura a constituição moderna, revela-se falaciosa em tempos de crise climática. Afinal, o aquecimento global diariamente nos mostra como as questões humanas - sejam elas políticas, econômicas, sociais, e até mesmo educacionais - são afetadas por questões consideradas não-humanas, tais como as climáticas. Dessa forma, viver em um *Novo Regime Climático* (Latour, 2020) significa, acima de tudo, que houve uma mudança fundamental nas condições políticas e sociais, entendendo-se que o planeta reage ativamente às ações antropogênicas.

No relatório do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*), publicado em 2023, é trazida de forma inequívoca a correlação entre a ação humana e o aquecimento global. Entende-se, portanto, que, principalmente devido à emissão de gases de efeito estufa, decorrente do uso não-sustentável de energia e da terra, de mudanças nos estilos de vida e de utilização da terra, de padrões de consumo e de produção, já é detectável um aquecimento global do planeta, assim como seus impactos. A emissão não é estável e regular ao longo dos anos e territórios, sendo mais expressiva nas últimas décadas e em países mais desenvolvidos. Tais emissões possuem, como consequência, mudanças significativas na atmosfera, nos oceanos, na criosfera e na biosfera (IPCC, 2023).

O aquecimento global possui impactos adversos generalizados, bem como ocasiona perdas e danos relacionados à natureza e às pessoas, distribuídos de maneira desigual entre sistemas, regiões e setores. O pressuposto deste estudo, portanto, é que a crise climática é um fator fundamental no âmbito das humanidades, não sendo simplesmente uma questão técnico-científica descolada, por exemplo, da política e da ética, e, menos ainda, dos estudos literários e de linguagem. Em alinhamento com a *Política da Natureza* discutida por Bruno Latour (2004), temos que a crise climática é um fator que adentra esferas cruciais das humanidades, e

que deve fomentar um diálogo que inclua diferentes atores e perspectivas. Afinal, como entende Jairus Grove (2019), a crise em curso possui dimensão geopolítica, já que decorre de um sistema que impõe violência sobre humanos e não-humanos.

Na medida em que a dimensão climático-planetária permeia todos os campos de saber, o presente artigo busca garantir uma perspectiva linguístico-estética que contemple tal dimensão. Para tal, nosso manancial teórico perpassa a ecolinguística e o pensamento ecológico, assim como a Ontologia Orientada a Objetos (OOO), tentando mapear estruturas linguísticas que garantam o encantamento necessário para fomentar atitudes éticas. Afinal:

How we think has an influence on how we act, so language can inspire us to destroy or protect the ecosystems that life depends on. Ecolinguistics, then, is about critiquing forms of language that contribute to ecological destruction, and aiding in the search for new forms of language that inspire people to protect the natural world. (Stibbe, 2015, p.1)

Arran Stibbe se pergunta se formas de linguagem desencantadas seriam capazes de propulsionar ações éticas no âmbito da crise ecológica em curso. Tal linguagem, presente em relatórios e discursos científicos, possui certas características. Primeiramente, o distanciamento de formas concretas, individuais, na medida em que favorece categorias, tais como mamíferos, espécie, flora, acaba por cumprir tal propósito. Termos compostos, ao tenderem ao abstrato, também favorecem o desencantamento. Aqui temos palavras tais como: biodiversidade, ecossistemas etc. Curiosamente, termos que abundam em relatórios tais como o acima mencionado, o IPCC. Certos pronomes, ao aludir à massa, ao invés de indivíduos, tais como biomassa ou mata possuem também uma função desencantadora. Ademais, reduzir o mundo não-humano à função que performam, ao chamar animais e plantas de polinizadores, produtores, por exemplo, fomenta o desencantamento. E, por fim, apresentar o mundo mais-que-humano como inerte, passivo, também acaba por eliminar a possibilidade do encantamento em encontros com o mundo mais-que-humano (Stibbe, 2023).

Tais discussões não se restringem ao campo da ecolinguística, uma vez que possuem também ressonância com filósofos ecológicos, como Timothy Morton. O discurso ecológico, enquanto gênero, constitui-se, majoritariamente, naquilo que Timothy Morton chamaria de *information dump* (Morton, 2018, xxiii), *despejo de informações*. Ou seja, o discurso ecológico busca bombear o leitor com informações e dados alarmantes, chamar atenção para gráficos, projetar cenários, listar números e elementos químicos, gases poluentes, chamar a atenção para percentagens fora de escala, nos colocar, assim, em um ponto ficcional que antecede o aquecimento global: “Information dump mode is a way for us to install ourselves at a fictional point in time *before global warming happened*. We are trying to anticipate something inside

which we already find ourselves.” (Morton, 2018, xxiii). Tal modo – *despejo de informações* – acaba por evitar com que nos percebamos neles - nos fatos. Afinal, no ponto ficcional no qual nos instalamos, o aquecimento global não está no aqui e agora, nos corpos que se movem e colidem nas ruas, e sim, no futuro. O aquecimento global é algo a ser evitado e não vivido como realidade diária.

Os dados científicos não são autoevidentes, diria Timothy Morton, uma vez que os dados não são as coisas que supostamente representam. A realidade do aquecimento global não se apresenta em todo o mundo da mesma forma, e nem todos os dias. Os dados científicos não são autoevidentes e não são as coisas a que se referem. Em seu aspecto negativo, ou extremo, encontra-se a saída fácil de que tudo é construção e, assim sendo, o que temos é a nossa percepção. Os dados estariam, dessa maneira, à disposição do sujeito que os manipula de forma mais conveniente. Daí provém a negação fácil dos dados.

Em seu aspecto positivo, tal afirmação nos levaria a rever o conceito de neutralidade, uma vez que: “So your scientific view of things, up close with a hammer and a camera, doesn’t mean you’re “seeing” nature, you are still interpreting it with human tools and human’s touch” (Morton, 2018c, xxxiv).

A interpretação dos dados implica a imbricação dos humanos nos dados, implicaria vivê-los e não vê-los à distância. Os dados não são as coisas, não são neutros, envolvem o toque humano, ou melhor, estamos imbricados e envolvidos neles. Afetamos e somos afetados pelos dados. Para que tal percepção se aflore, argumentamos a necessidade da experiência do encantamento, enquanto afeto corpóreo e imbricado.

No âmbito da linguagem serão estudadas e mapeadas estruturas que fomentem tal afeto, ou seja, o encantamento. Nidhi Zak/Aria Eipe, por exemplo, recentemente, ao divulgar seu novo trabalho *Honey and the Hare*, afirmou ter retornado aos conhecimentos xamânicos e indígenas, dada a crise ecológica em curso. Em seus poemas, a presença do mundo-mais-que-humano é vislumbrada, assim como entendemos, a partir da perspectiva do encantamento, ou seja, contrariando visões antropocêntricas e mecanicistas. Entendemos, assim, que o termo *incantation*, presente no poema *Incantation for the Hare*, permeia a sua poética, sendo um imperativo em momentos de crise climática. Dessa forma, os poemas de Nidhi Zak/Aria Eipe reiteram a importância ética da poesia, ou seja, seu imperativo encantatório.

## O encantamento

Jane Bennett, principal teórica sobre o encantamento no âmbito da ciência política, escrutiniza nossa visão de mundo moderna, na qual objetos são vislumbrados como meros recursos, interagindo de forma previsível, a partir de leis mecânicas passíveis de serem descritas; questiona, assim, a relação entre tal postura e fenômenos tais como a epidemia de obesidade ou até mesmo a catástrofe ecológica em curso.

A reflexão de Jane Bennett gira em torno de uma inquietação: como transformar princípios éticos em práticas concretas? Como estimular comportamentos éticos de forma efetiva? A autora sugere que o encantamento — entendido como uma disposição — pode ser uma chave para ultrapassar o hiato entre teoria e prática no campo da ética. Seu pensamento está alinhado à virada ética e estética, fortemente influenciada tanto pelos estudos feministas quanto pela noção foucaultiana de cuidado de si (Bennett, 2010).

Por encantamento, entende experiências nas quais o tempo pára, em que os sentidos se aguçam, causando maravilhamento e desconforto. A disposição para o encantamento, no entanto, requer uma forma de percepção outra, já que necessita de uma atenção meticulosa à especificidade singular das coisas (Bennett, 2001). Tal percepção pode e deve ser cultivada. Entenderemos aqui que a inclinação para o encantamento pode ser cultivada através da experiência estética. Willmott coaduna com tal pensamento ao argumentar que: “many acts of literature are machines for wonder, and I think we need to understand, admire, and teach how they work” (Willmott, 2018, p. 9). Nesse sentido, entenderemos a poesia de Nidhi Zak/Aria Eipe a partir de tal prisma: enquanto uma poesia encantatória, disposição indispensável em tempos de catástrofe ecológica.

Patrick Curry, embora tenha pontos de contato com o pensamento de Bennett, demarca uma linha clara entre modernidade e encantamento, ao entender que o encantamento remete a experiências pré-modernas. Para ele, encantamento e modernidade seriam incompatíveis. Descreve espaços onde o encantamento pode surgir, enquanto experiência pré-moderna na modernidade. Arte, esporte, culinária, natureza seriam experiências capazes de fazer emergir o encantamento. Alerta, entretanto, que: “enchantment is always and necessarily both ‘material’ and ‘spiritual’: that is, precisely circumstantial – embodied and embedded – and simultaneously deeply mysterious, undelimitable and unmasterable.” (Curry, 2012, p.78) A experiência do encantamento, e nisso Bennett e Curry concordam, é necessariamente corporificada, uma vez que diz respeito a uma experiência no mundo e, mais ainda, no mundo de imbricamentos entre humanos e não-humanos.

Na medida em que, para Bennett, o afeto ocupa um lugar central tanto na política quanto na ética, sendo definido como capacidade dos corpos de agir e responder — uma capacidade que não é exclusiva aos humanos, Bennett entende que ética é muito mais que racionalidade e doutrina. E, mais ainda, entende que o campo da ética não está restrito à relação entre humanos apenas, já que incorpora o mundo mais-que-humano. Em *Vibrant Matter*, a autora argumenta que o afeto não é um poder intrasubjetivo ou meramente transpessoal, mas sim impessoal: ele é intrínseco também a formas que não se enquadram na categoria de “pessoa”. Há, portanto, uma agência das coisas, que produzem efeitos nos corpos humanos e não humanos (Bennett, 2010). Corpos humanos e não-humanos são capazes de agir e responder.

Cultivar o encantamento, então, significa também reconhecer a agência do mundo não-humano, e das hibridizações possíveis mesmo em um contexto moderno. Bennett, diferentemente de Curry, não circunscreve o encantamento à experiência pré-moderna, já que entende que a modernidade, na realidade, não foi capaz de desencantar o mundo completamente; assim, mesmo no mundo moderno, encontramos espaços de encantamento: "Latour helps me to identify hybridization as a modern form of magic and a potential site of enchantment" (Bennett, 2001, p. 98). Ao longo do texto, seguindo a pista de Bennett, encantamento e hibridização serão estudados como um par.

Mas o que significa perceber a agência do mundo não-humano? E de que forma tal percepção poderia fomentar comportamentos éticos?

Um exemplo concreto aparece no campo da alimentação. Dificilmente, pensa-se a obesidade como um exemplo de agência não-humana. O senso comum relaciona a obesidade apenas ao excesso de comida, como se a comida fosse mero recurso, portanto, passiva e inerte. Nesse caso, podemos culpar o indivíduo que é o único agente no quadro apresentado. Um indivíduo incapaz de controlar seus impulsos por mais e mais. No entanto, ao analisarmos o impacto de certos lipídios, como o Ômega 3, essa perspectiva se altera, uma vez que a agência do mundo não-humano pode ser vislumbrada. Tais gorduras têm efeitos qualitativos e quantitativos mensuráveis, associados a outros processos de caráter social: sabe-se, por exemplo, que sua ingestão pode reduzir a propensão à violência entre prisioneiros, pode aumentar o foco em crianças com déficit de atenção e ainda aliviar sintomas de depressão em pessoas com transtorno bipolar (Bennett, 2010). Estudos que sustentam tais afirmações indicam como certos lipídios são capazes de influenciar humores, disposições e estados afetivos.

Bennett utiliza esse exemplo para refletir sobre causalidades emergentes: as gorduras, interagindo com diferentes corpos, geram efeitos que não são completamente previsíveis (Bennett, 2010, p.41). Essa interação forma um sistema não linear, no qual:

In nonlinear assemblages, "effects" resonate with and against their "causes," such that the impact of any added element (omega-3 fatty acid) or set of elements (high fish diet) cannot be grasped at a glance. Instead, the agency of the added element(s) is only "slowly brought to light as the assemblage stabilizes itself through the mutual accommodation of its heterogeneous components." (Bennett, 2010, p.42)

O foco, portanto, desloca-se das forças individuais para os actantes que compõem um conjunto. Pensar a obesidade, sob essa ótica, implica uma abordagem muito mais complexa: envolve não apenas os indivíduos e a sociedade, mas também a maneira como as gorduras — enquanto actantes — podem potencializar ou enfraquecer vontades, hábitos e pensamentos humanos. Em um sistema de causalidades emergentes, onde a matéria é dotada de vitalidade, ela não pode mais ser vista como mero recurso passivo.

Assim, Bennett traz uma provocação: e se enxergássemos os alimentos como actantes — entidades que afetam e são afetadas pelos nossos corpos, compondo conjuntos sujeitos a causalidades não lineares? Tal perspectiva poderia transformar nossa relação com a alimentação, talvez até contribuindo para o enfrentamento da obesidade e de outras doenças. Essa é uma das questões centrais exploradas por Bennett em *Vibrant Matter*. Ver a comida como matéria inerte, sem agência, pode nos levar ao consumo desmedido e, em última instância, à obesidade. Não seria essa mesma lógica de objetificação e instrumentalização, uma das raízes da crise ecológica atual?

Bennett entende que sim. Nesse sentido, a experiência do encantamento, na medida em que provém de uma experiência corporificada e imbricada, uma experiência no mundo, que contempla as hibridizações entre os mundos humanos e não-humanos, impossibilitando uma divisão clara entre sujeito e objeto ou entre sociedade e natureza, já que se encontra no limiar, pode garantir a generosidade ética, necessária em tempos de crise climática.

### ***Incantation for the Hare***

Nidhi Zak/Aria Eipe, apesar de ser originalmente da Índia, é considerada uma poeta irlandesa. Visitou recentemente o Brasil, a convite da Embaixada da Irlanda, para o evento “Mulheres Escritoras da Irlanda e da América Latina: Conversas de Costa a Costa”, em celebração ao Dia de Santa Brígida (01/02). O evento buscava fomentar a troca de experiências sobre o ato criativo de escrever e o papel das mulheres escritoras na sociedade contemporânea.

Na ocasião, a poeta pôde divulgar os seus poemas, conversar sobre tradução e o ato criativo, além de elucidar a relação entre pacifismo e poesia. Em sua fala, destaca-se a potência ética da poesia. Se questões referentes aos direitos humanos sempre estiveram presentes em seus poemas, mais recentemente e por conta de seu projeto *Honey and the Hare*, a crise ecológica ganha destaque.

No *Arts and Humanities Research Festival* de Trinity, Nidhi Zak/Aria Eipe apresentou seu projeto em andamento, *Honey and the Hare*. Na ocasião, leu o poema *Incantation for the Hare*. O poema compõe o seu mais novo projeto até o presente momento não publicado. Antes de iniciar a leitura do poema, a poeta discursou sobre a situação crítica na qual se encontram as línguas indígenas ao redor do mundo. Estima-se que 50% das línguas orais ou desapareçam ou se tornem ameaçadas até 2100. Há, aponta a poeta, uma correlação entre diversidade biológica e diversidade linguística. E por que isso deveria nos importar? - pergunta. Para fins de uma resposta, Nidhi cita um trecho do ensaio *Power and Danger: Works of a Common Woman* (1977), da poeta Adrienne Rich. No ensaio, lê-se:

Poetry is above all a concentration of the power of language, which is the power of our ultimate relationship to everything in the universe. It is as if forces we can lay claim to in no other way, become present to us in sensuous form. The knowledge and use of this magic goes back very far: the rune; the chant; the incantation; the spell; the kenning; sacred words; forbidden words; the naming of the child, the plant, the insect, the ocean, the configuration of stars, the snow, the sensation in the body. The ritual telling of the dream. The physical reality of the human voice; of words gouged or incised in stone or wood, woven in silk or wool, painted on vellum, or traced in sand.  
*Forces we can lay claim to in no other way. . .* (Rich, 1995, 260)

O trecho escolhido por Nidhi destaca o poder da poesia, que acaba por concentrar o poder da linguagem, tal como se fosse a linguagem destilada. É através da linguagem que nos relacionamos com tudo mais no universo, podendo a poesia amplificar tal poder relacional. Ademais, Rich compreende a poesia quase como um portal de acesso, já que é capaz de criar presenças, o que o conhecimento, devido às suas próprias características não consegue. A linguagem e sua concentração, a poesia, permitem uma experiência distinta da do conhecimento. Adrienne Rich enfatiza o aspecto corporificado da experiência poética, já que é “sensuous” e diz respeito a “physical reality”. Curioso Nidhi Zak/Aria Eipe escolher esse trecho para introduzir a sua leitura, e mais curioso ainda, ser a primeira citação de sua fala. Rich relaciona a linguagem e, conseqüentemente a poesia, ao conhecimento mágico: runas, feitiços etc. Ao final da fala, Nidhi afirma a necessidade de descobrir novas formas relacionais, baseadas em presença ao invés de poder. Formas que não coloquem o humano no centro. Nos isolamos (nós os humanos) do que percebemos como sendo selvagem. Não há possibilidade de

lidar com a crise climática sem novas formas relacionais, argumenta, sem percebermos que o que é selvagem está também em nós. Mas qual seria o papel da *incantation*, afinal?

O filósofo americano David Abram, em *The Ecology of Magic*, descreve sua experiência na Indonésia cujo objetivo inicial era estudar a relação entre mágica e medicina. Se, a princípio, buscava estudar a aplicação de técnicas mágicas na medicina e na cura de rituais, seu foco alterou-se gradualmente para uma reflexão sobre a relação entre a mágica e o mundo natural. Discerne que o mago tradicional age como um intermediário entre o coletivo humano e o campo ecológico maior. Não que os adultos de uma comunidade não estejam engajados em um processo de escuta e atenção a outras presenças, mas é o xamã ou o mago que cumpre o papel de viajante exemplar no espaço intermediário entre o mundo humano e mais-que-humano. É, assim, o principal estrategista e negociador com os Outros. Um xamã pode ser definido como aquele que possui:

the ability to readily slip out of the perceptual boundaries that demarcate his or her particular culture - boundaries reinforced by social customs, taboos, and, most important, the common speech or language - in order to make contact with, and learn from, the other powers in the land. Shamanic magic is precisely this heightened receptivity to the meaningful solicitations - songs, cries, and gestures - of the larger, more-than-human field. (Abram, 1995, p. 307)

Assim, entende-se o porquê de Nidhi retornar aos conhecimentos xamânicos e indígenas em seu novo projeto. Outras formas relacionais, que não possuam o homem no centro, só são possíveis se, contrariamente ao desencantamento do mundo, animais não-humanos não forem considerados incapazes de linguagem e pensamento, se a capacidade ilimitada do pensamento humano não for oposta à senciência limitada dos outros animais. Só são possíveis, portanto, se a agência do mundo mais-que-humano for reconhecida. Sim, afetamos e somos afetados pelo mundo mais-que-humano, mas onde estão nossos intermediários, nossos xamãs?

Bruxas e feiticeiras de diferentes culturas e séculos sempre usaram feitiços e encantamentos para entrar em comunhão com o mundo natural, continua Nidhi, em sua fala durante o *Arts and Humanities Research Festival* de Trinity. Não há possibilidade de comungar com o mundo mais-que-humano sem um intermediário, sem um xamã, sem encantamento, sem poesia?

O poema *Incantation for the Hare* inicia mencionando o primeiro espírito da terra e as três curas não produzidas por humanos: mel, leite e sal. Logo de início, há um deslocamento do humano. Não somos nem os primeiros, nem os únicos espíritos da terra. Além disso, as curas ancestrais não são produzidas por mãos humanas e sim por espíritos não-humanos. Há, portanto,

um deslocamento de uma visão antropocêntrica. Afinal, invoca-se um espírito não-humano: a lebre.

O poema segue da seguinte forma:

black-naped, honey hued  
bright of eye, snow-shoed  
blossom-tied and fertile  
superfete, o moon child  
butter churner, larkin  
twilight stirrer, malkin  
shapeshifter, trickster  
pounder of the elixir  
cat-legged, ear pricked  
straight-sitter, high-kicked  
buddha incantation  
witch woman's creation  
sleeper under soma  
grinder of the broma  
riddler rabbit with a horn  
lepus crouching in the corn  
Heather mountain dreamer  
thief of milk and creamer  
firestarter, forewarner  
keepers of the four corners  
desert runner, water nymph  
existence in a hieroglyph  
tinnners totem, triskele<sup>4</sup>

Além da sonoridade característica dos versos - uso de rimas, aliteração e assonância, há em muitos versos a presença de dois adjetivos compostos e/ou substantivos, como se lê no verso “black-naped, honey hued”. No verso destacado, há dois adjetivos compostos referentes a cores, e dispostos de tal forma a criar uma simetria sonora. O preto e o mel se associam para descrever a lebre que contempla ambas tonalidades em si só. A vírgula entre os adjetivos deixa claro que não é um amálgama, e sim, um e outro, ao mesmo tempo. Em alguns versos, a poeta faz uso de vírgulas, em outros, da conjunção aditiva “and”, associando os qualitativos de forma gradativa. Cada verso adiciona características que não eliminam as anteriores: a lebre é o que incendeia e o que avisa (“firestarter, forewarner”); tem pernas de gato, orelhas em pé (“cat-legged, ear pricked”); a lebre, ser mítico e místico é invocado nos versos de Nidhi como um espírito limiar. Os versos, assim, garantem a presença híbrida do espírito lebre, daquele que tem orelhas de burro e olhos de leão; cabeça de cavalo e passo de *lurcher* (cão de caça), associando

---

<sup>4</sup> *Incantation for the Hare*. Disponível em:

<[https://issuu.com/trinitylongroomhub/docs/nidhi\\_zakaria\\_eipe\\_poem\\_pdf\\_1\\_](https://issuu.com/trinitylongroomhub/docs/nidhi_zakaria_eipe_poem_pdf_1_)>. Acesso em: 21 abr. 2025.

características de diferentes seres humanos e não-humanos. Afinal, a lebre é o mensageiro de outra esfera.

Importante ressaltar a presença de um duplo nos versos: dois adjetivos compostos, dois substantivos, adjetivos e substantivos combinados, e mesmo os que não são assim compostos tais como “one who leads stray men adrift”, trazem a presença da pausa no meio do verso, dividindo-o em dois. O verso lê: *one who leads* (primeira parte), *stray men adrift* (segunda parte); sendo cada uma das partes composta por três palavras. Tal presença de uma bipartição nos versos não é aleatória, e diz respeito à duplicidade que fundamenta o pensamento moderno ocidental. Ou conforme foi mencionado anteriormente, a Grande Divisão, nos termos de Bruno Latour (1993). Na história da filosofia, a garantia da constituição moderna perpassa três estratégias: a grande separação entre sujeito e objetos (Kant e os pós-kantianos); a vertente semiótica, que se preocupa com o meio, mas abandona os extremos, e a terceira, que acaba por isolar o pensamento do Ser do pensamento dos entes (Latour, 1993). O paradoxo central da modernidade reside em negarmos as misturas (híbridos) em nossas categorias de pensamento, enquanto nossa prática as multiplica incessantemente.

No poema de Nidhi, entretanto, tal mistura não é negada, e sim trazida de forma clara na figura limiar da lebre. A invocação da lebre implode a possibilidade de categorias duplas opositoras e hierarquizantes. Ela não é uma ou outra, é uma e outra, e outra, e outra; é um espírito, um animal, ou seja, um híbrido. E conforme Bennett entende, talvez a hibridização possa ser um espaço de encantamento.

Tais versos também, além de quebrar com uma possibilidade dicotômica, encenam, no nível da sonoridade, a prática encantatória, quase uma dança linguística de sons que se atraem e se repelem. Reiterando, assim, a importância auditiva da experiência encantatória:

An experience of enchantment goes beyond intelligence, rational truth and knowledge, so given the associations of these with the visual it is natural that enchantment goes beyond visual sensing of the world to aural and other forms of perception. In fact, Carlyle (2021, p. 287) describes how ‘environmental entanglements may be most acutely accessible through the perceptual register of sound ... the audibly entangled wild (...)’ (Stibbe, 2023, p.128)

A análise do poema *Incantation for the Hare*, de Nidhi Zak/Aria Eipe, permite vislumbrar o potencial ético e estético do encantamento em tempos de crise climática. Ao evocar a agência do mundo mais-que-humano, sua poesia rompe com dualismos modernos e nos convida a uma experiência sensorial e afetiva, capaz de transformar potencialmente nossa relação com o planeta. As decisões poéticas que envolvem a sonoridade dos versos — um convite à presença — e as estratégias linguísticas utilizadas para invocar o espírito da lebre,

descrito como ser limiar e dotado de agência, rompem com a possibilidade de os versos se submeterem a uma leitura instrumentalizada. Distanciando-se de formas desencantadas de linguagem, Nidhi Zak/Aria Eipe singulariza a lebre, garantindo-lhe aspecto híbrido, ou como argumentamos, encantado. Dessa forma, o encantamento, tal como proposto por Jane Bennett e reconfigurado na obra de Nidhi Zak/Aria Eipe, constitui uma alternativa à linguagem desencantada e à racionalidade técnica dominante nos discursos ecológicos. Com isso, reitera-se a potência política da poesia e sua capacidade de instaurar novas formas de convivência entre humanos e não-humanos.

Podemos, enfim, pensar a poesia como esse limiar — o intermediário entre os mundos humano e mais-que-humano.

## Referências

ABRAM, David. The ecology of magic. In: ABRAM, David. *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. New York: Vintage Books, 1995. p. 301–328.

ABRAM, David. *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. New York: Vintage Books, 1996.

BELLACASA, María Puig de la. *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

BENNETT, Jane. *The enchantment of modern life: attachments, crossings and ethics*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

BENNETT, Jane. *Vibrant matter: a political ecology of things*. Durham: Duke University Press, 2010.  
CLARK, Timothy. *Ecocriticism on edge: the Anthropocene as a threshold concept*. New York: Bloomsbury Academic, 2015.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The Anthropocene. *Global Change Newsletter*, n. 41, p. 17–18, 2000.

CURRY, Patrick. *Art and enchantment: how wonder works*. London: Routledge, 2023.

CURRY, Patrick. Enchantment and modernity. *PAN: Philosophy, Activism, Nature*, n. 9, p. 76–89, 2012.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Uma conversa com Nidhi Zak/Aria Eipe. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vVXjyq\\_fQ1A](https://www.youtube.com/watch?v=vVXjyq_fQ1A). Acesso em: 21 abr. 2025.

GROVE, Jairus. *Savage ecology: war and geopolitics at the end of the world*. Durham: Duke University Press, 2019.

HARMAN, Graham. *Object-oriented ontology: a new theory of everything*. London: Penguin UK, 2017.  
IPCC. *Synthesis report of the IPCC Sixth Assessment Report (AR6): Summary for Policymakers*. [S.l.]: Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023. Disponível em: [https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC\\_AR6\\_SYR\\_SPM.pdf](https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC_AR6_SYR_SPM.pdf). Acesso em: 21 abr. 2025.

- LATOUR, Bruno. *Facing Gaia: eight lectures on the new climatic regime*. Cambridge: Polity Press, 2017.
- LATOUR, Bruno. *Onde aterramos? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LATOUR, Bruno. *Politics of nature: how to bring the sciences into democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- LATOUR, Bruno. *We have never been modern*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MOSER, Susanne; DILLING, Lisa. Communicating climate change: closing the science-action gap. In: DRYZEK, John; NORGAARD, Richard; SCHLOSBERG, David (org.). *The Oxford handbook of climate change and society*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 161–174.
- MORTON, Timothy. *All art is ecological*. London: Penguin Books, 2018.
- MORTON, Timothy. *Ecology without nature: rethinking environmental aesthetics*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- MORTON, Timothy. *Hyperobjects: philosophy and ecology after the end of the world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- PYYRY, Noora; AIAVA, Rachel. Enchantment as a fundamental encounter: wonder and the radical reordering of subject/world. *Cultural Geographies*, v. 27, n. 4, p. 581–595, 2020.
- RICH, Adrienne. *On lies, secrets, and silence: selected prose, 1966–1978*. New York: W.W. Norton, 1995.
- ROSZAK, Theodore; GOMES, Mary E.; KANNER, Allen D. *Ecopsychology: restoring the earth, healing the mind*. San Francisco: Sierra Club Books, 1995.
- STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. London; New York: Routledge, 2015.
- STIBBE, Arran. *Econarrative: Ethics, Ecology, and the search for new narratives to live by*. London: Bloomsbury Publishing, 2023.
- WILLMOTT, Glenn. *Reading for wonder: ecology, ethics, enchantment*. New York: Springer, 2018.
- ZAK/ARIA EIPE, Nidhi. *Incantation for the Hare*. Dublin: Trinity College, 2024. Disponível em: [https://issuu.com/trinitylongroomhub/docs/nidhi\\_zakaria\\_eipe\\_poem\\_pdf\\_1\\_](https://issuu.com/trinitylongroomhub/docs/nidhi_zakaria_eipe_poem_pdf_1_). Acesso em: 21 abr. 2025.
- ZAK/ARIA EIPE, Nidhi. *Nidhi Zak/Aria Eipe*. Disponível em: <https://www.ariaeipe.com/press>. Acesso em: 21 abr. 2025.